

APRESENTAÇÃO — EXOFONIAS, POLIGLOSSIAS E POLIFONIAS NA LITERATURA-MUNDO

O volume 3, número 33 da REVELL — *Revista de Estudos Literários da UEMS*, tem como proposta refletir sobre a ideia de muitas — e outras — línguas e vozes no texto literário.

Ao longo da história do mundo, a exofonia, ou autoria literária em língua não materna, sempre existiu — os exemplos vão do círculo de influência da escrita chinesa no Leste Asiático à literatura em latim da Idade Média europeia, passando por inúmeras obras escritas por imigrantes e desterrados. Há também exemplos de apropriações deliberadas da língua do outro — os casos de Conrad, Gombrowicz, Nabokov, Beckett e Ionesco são apenas alguns dos muitos que poderiam ser citados.

No século XXI, aquilo que Tawada Yôko chama de “viagem para fora da língua materna” (2003) e que Ottmar Ette define como a “literatura sem morada fixa” (2016) é um tema cada vez mais presente nas discussões teóricas — em virtude da globalização, por um lado, e dos deslocamentos de pessoas devido a crises e conflitos, de outro. Além disso, o literário sempre incluiu, em diferentes inflexões e graus, a língua do outro — seja na forma de polifonias bakhtinianas, seja na presença literal de muitas línguas em um mesmo texto. A discussão desse suplemento de vozes e lugares no discurso literário também ganha nova ênfase na atualidade, seja quando o foco é a literatura contemporânea, seja quando se investiga a literatura do passado ou narrativas futuristas distópicas — as “literaturas de um tempo estrangeiro”.

A abertura do *dossier* temático fica a cargo do artigo de Maria Bernadette Porto, no qual a autora se interessa pela escrita-entre-mundos (ETTE, 2018) das cartografias identitárias do contemporâneo, destacando contatos produtivos e

imprevisíveis entre idiomas e culturas diversas. Obras de escritores e escritoras francófonos nascidos fora da França — Antonio d’Alfonso, Dany Laferrière, Emile Ollivier, Ida Kummer, Kim Thúy, Leïla Sebbar, Marcel Bénabour, Minna Sif, Nina Bouraoui, Yin Chen — são lidas à luz da noção de imaginário das línguas (GLISSANT, 1995) e de *surconscience linguistique* (GAUVIN, 2000). A pesquisadora conclui que a fricção entre idiomas, memórias e paisagens nutre a produção literária de autores e autoras sem morada fixa (ETTE, 2018), cujas obras tensionam os conceitos de país natal e de língua materna, transgredindo fronteiras de mapas até então tidos como estáveis.

Em “Às margens do fantástico: a imaginação dissonante do romance pós-apocalíptico belga contemporâneo”, Laurence Boudart analisa três obras contemporâneas em língua francesa — *Moi qui n’ai pas connu les hommes* (Jacqueline Harpman, 1995), *L’Escalier* (Catherine Barreau, 2016) e *Moi, Marthe et les autres* (Antoine Wauters, 2018) — com uma abordagem ecocrítica (SCHOENTJES, 2015) que permite observar traços de uma preocupação ambiental. Nesses três romances, identifica-se a utilização de uma linguagem *outra*, no sentido de uma polifonia entendida como o uso particular dado às diferentes vozes narrativas. De maneira mais abrangente, a autora questiona o lugar que a literatura pode ocupar em um mundo com um clima insalubre e se interroga sobre o que podem nos oferecer os desvios e as liberdades tomados em relação a uma realidade que não oferece nada além de uma paisagem devastada e uma fuga sem fim.

O pesquisador Maurizio Gatti, pioneiro no estudo da literatura nativa francófona do Quebec, propõe, em “Literatura nativa do Quebec de 1970 a 2022”, um amplo panorama dessa produção, apontando que sua afirmação tardia, após os anos 1970, deve-se tanto à relação historicamente conflituosa entre o sistema escolar quebequense e os povos autóctones quanto à relativa sedentarização gerada pela criação das primeiras reservas. Gatti demonstra como suas primeiras manifestações, de caráter mais político e ensaístico, expandiram-se

hoje como espaço de pesquisa e de criação estética, englobando diversos gêneros literários. Além dos principais temas, características e estilo, são sublinhadas as dificuldades de publicação e de difusão das obras, além de outras limitações que fazem com que os autores e as autoras escrevam sobretudo em língua francesa e não em suas línguas nativas. Também são destacadas as conquistas, as estratégias de legitimação e a infraestrutura literária desses autores e autoras.

Andréa Moraes da Costa, em “*The Metamorphosis*: Jhumpa Lahiri e sua escrita exofônica”, parte da coletânea de ensaios em língua italiana *In altre parole* (LAHIRI, 2015), na qual a escritora — nascida na Grã-Bretanha, filha de indianos e naturalizada norte-americana — discorre sobre seu aprendizado e sua paixão por esse idioma, bem como sobre seu sentimento de incompletude identitária, decorrente de seu convívio com as culturas bengali e americana. No ensaio “*La metamorfosi*”, aqui analisado a partir de sua tradução em língua inglesa, Lahiri parte do poema *Metamorfoses*, de Ovídio, para refletir acerca de sua produção literária em italiano, que constitui sua própria metamorfose linguística e literária — ou seja, sua escrita exofônica.

Os processos criativos também são objeto de estudo do artigo “Da literatura à música brasileira: o diálogo melopoético de Alice Ruiz e Alzira E”, que Alan Silus, Flávio Zancheta Faccioni e Kelcilene Grácia-Rodrigues consagram ao diálogo interartes (literatura e música), notadamente às relações discursivas e melopoéticas na canção “Ladainha”, poema escrito por Alice Ruiz e sua filha Estrela Ruiz Leminski e musicado por Alzira E, incluído no CD *Paralelas* (2005). Os resultados indicam a presença de uma amplitude de construções de efeitos de sentido em relação aos imaginários sociais relativos à figura feminina. Também fica evidenciada a presença, seja na canção, seja no conjunto do CD, do processo emancipatório da mulher brasileira, cujas relações de empoderamento foram evidenciadas a partir dos anos 2000.

Em “A maternidade questionada em *Morra, amor*, de Ariana Harwicz”, Amanda da Silva Oliveira propõe analisar a temática da maternidade nessa narrativa, primeira das que fazem parte da “Trilogia da paixão” da autora, e refletir sobre o que os papéis maternais representam e denunciam na contemporaneidade. A pesquisadora ressalta que a argentina Ariana Harwicz tem tido destaque na cena literária latino-americana, enquanto voz dissidente que questiona em sua obra uma concepção idealizada da maternidade, sublinhando o que há de sinistro e de belo no vínculo entre mãe e filho, ao criar um mundo ficcional cruel e poético no qual o amor é desequilibrado e movido por desejo e violência.

Partindo do contexto do processo histórico de emigração de galeses para a Argentina depois da segunda metade do século dezenove, Davi Gonçalves, em seu artigo “*‘They are hoping to keep it Welsh’: a dialogue between History and literature in Up into the singing mountain*”, investiga o romance de Richard Llewellyn para compreender como a identidade galesa viaja até a Patagônia e qual o efeito dos pampas no sentimento de orgulho nacional dos personagens. Os resultados finais indicam como os Pampas transformam a ideia que esses personagens constroem de si mesmos, de sua linguagem e de seus hábitos.

Baseando-se nos conceitos de Chantal Wright (2008; 2010), Juan Carlos Acosta destaca, em “*Salomé* de Oscar Wilde: uma tragédia exofônica”, que a exofonia trata de fenômenos de uma escrita numa outra língua, adotada pelo artista com o objetivo de servir a determinados fins. A seguir, tece algumas observações a partir da única peça de Oscar Wilde escrita em língua francesa, *Salomé* (1893), com exemplos do texto em francês. Acosta passa então à tradução que fez da peça para o português brasileiro, nela observando os impactos do manejo peculiar da língua exofônica por parte de Wilde.

Em “Translinguismo, exofonia e polifonia no *Kojiki*: o texto brasileiro”, Bruno Costa Zitto e Andrei dos Santos Cunha apresentam alguns fundamentos teóricos para uma tradução anti-orientalista do *Kojiki* (720), obra da alta

antiguidade japonesa. Além de uma revisão das definições de “orientalismo” (SAID, 1994) e de “orientalismos periféricos” (CUNHA, 2013), os autores propõem uma aplicação dos conceitos de translinguismo e transculturação (ETTE, 2016), de exofonia (WRIGHT, 2008) e de polifonia (BAKHTIN, 2002), e trazem diretrizes fundamentais das teorias da transcrição e da poesia concreta, defendendo assim a concepção de um projeto tradutório crítico, recriativo e atentamente dedicado à funcionalização de elementos tipográficos e da distribuição de suas palavras sobre a bidimensionalidade da página. Por resultado prático das reflexões apresentadas, são propostos dois excertos em tradução da obra estudada, com ênfase em seus aspectos translinguais, exofônicos e polifônicos.

Em “Bossa nova em japonês: uma tradução exofônica de ‘O Pato’”, Leonardo Reis propõe uma versão da letra da canção de Jaime Silva e Neuza Teixeira para a língua japonesa. Tendo em vista a subordinação do texto aos elementos musicais que o acompanham e a sua função como letra de música, essa metodologia observa sobretudo preceitos que distanciam o texto vertido das ideias de transparência relativas ao texto de partida. Nessa perspectiva, o conceito de exofonia — o qual favorece a abordagem analítica do idioma estrangeiro e de seus componentes e privilegia a fisicalidade dos fonemas para a junção entre significado e significante — oferece variadas possibilidades de criação artística em japonês. A recepção da bossa nova no Japão também é levada em conta na busca de equivalências entre os textos de partida e de chegada. Um *link* dá acesso à *performance* gravada da canção em japonês para uma melhor demonstração da funcionalidade da versão enquanto letra de música.

A esses dez artigos vem se acrescentar a resenha proposta por Luciana Rassier de *L'extrême contemporain — Québec*, livro publicado em língua francesa em 2021, pela editora Goyal, de Nova Délhi, e organizado por Vijara Rao (Centre for French & Francophone Studies da Jawaharlal Nehru University) e

por Hélène Amrit (professora de literaturas de expressão francesa da Université de Limoges). A obra, que traz uma entrevista com a escritora sino-canadense Ying Chen e onze artigos (dentre os quais *“Littératures de l’Après: romans ‘déconcertants’ du Québec et du Brésil lus em perspective comparée”*, da brasileira Zilá Bernd), reúne pesquisadores de diversos países e áreas do conhecimento, compondo uma coletânea polifônica cuja multiplicidades de vozes, temáticas e pontos de vista incita o leitor a revisitar o extremo contemporâneo — época desconcertante e multifacetada, familiar e estranha.

O dossier temático conta ainda com dois poemas em língua inglesa, escritos por Magali Sperling Beck — pesquisadora especializada em literatura canadense que vem se dedicando, nos últimos anos, ao estudo e à prática da escrita criativa, tendo realizado cursos de *creative writing* na University of Toronto School of Continuing Studies e publicado nas revistas *New Reader Magazine* e *Flash Fiction Magazine*. Os poemas *“(Self)translated”* e *“Reminiscenses”* dialogam com a temática das exofonias, poliglossias e polifonias na literatura-mundo, já que são marcados pela experiência do deslocamento geográfico, do habitar (ou ser habitada por) uma língua não materna, e do viver em uma paisagem outra, até certo ponto desconhecida, mas que traduz o eu-lírico, forjando-o ou o complementando.

Boa leitura!

Luciana Wrege Rassier
Universidade Federal de Santa Catarina

Andrei dos Santos Cunha
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 3. ed. Traduzido por Paulo Bezerra. São Paulo: Forense Universitária, 2002.
- BARREAU, Catherine. *L'Escalier*. Neufchâteau: Weyrich, 2016.
- BUEKENS, Sara. L'écopoétique: une nouvelle approche de la littérature française. *Elfe XX-XXI*, n. 8, 2019. Disponível em: <http://journals.openedition.org/elfe/1299>. Acesso em: 15 dez. 2022.
- CUNHA, Andrei S. Orientalismos periféricos: presença literária do Japão no Brasil. In: BITTENCOURT, Rita Lenira; SCHMIDT, Rita Terezinha. (Org.). *Fazeres indisciplinados: estudos de Literatura Comparada*. Porto Alegre: UFRGS, 2013. p. 13-25.
- ETTE, Ottmar. Pensar o futuro: a poética do movimento nos Estudos de Transárea. *ALEA*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 192-209, 2016.
- ETTE, Ottmar. *Escrever entre mundos: literaturas sem morada fixa*. Curitiba: UFPR, 2018.
- GAUVIN, Lise. *Langagement:: l'écrivain et la langue au Québec*. Montréal: Boréal, 2000.
- GLISSANT, Édouard. *Introduction à une poétique du divers*. Montréal : Université de Montréal, 1995.
- HARPMAN, Jacqueline. *Moi qui n'ai pas connu les hommes*. Paris: Stock, 1995.
- SAID, Edward. *Orientalism*. Nova Iorque: Random House, 1994.
- SCHOENTJES, Pierre. *Ce qui a lieu. Essai d'écopoétique*. Marseille: Wildproject, 2015. (Col. Tête nue.)
- TAWADA, Yôko. *Ekusofonii: bogo no soto e deru tabi* [エクソフォニー — 母語の外へ出る旅]. Tóquio: Iwanami, 2003.
- WAUTERS, Antoine. *Moi, Marthe et les autres*. Lagrasse: Verdier, 2018

WRIGHT, Chantal. Writing in the 'grey zone': exophonic literature in contemporary Germany. *GFL Journal*, v. 3, p. 26–42, 2008.

WRIGHT, Chantal. Exophony and literary translation. What it means for the translator when a writer adopts a new language. *Target*, v. 22, n. 1, p.22–39, 2010.